



PELAS LENTES DAS LIVES: o debate do Serviço Social brasileiro na pandemia

Maria Angelina Baía de Carvalho de Almeida Camargo¹

Silvia Neves Salazar²

Pollyana Tereza Ramos Pazolini³

Natália Silva Nicácio⁴

Lucas Costa Santos⁵

Resumo

Este artigo apresenta o percurso e as “descobertas” da investigação sobre o debate do Serviço Social brasileiro na pandemia do novocoronavírus¹. Trata de um estudo quali-quantitativo, de análise de 68 *lives*, realizadas no período de março a agosto de 2020. Parte dos dados disponíveis na plataforma *You Tube*, considerando os eixos: *Serviço Social e mundo do trabalho e; Serviço Social e seguridade social*. Os resultados mostram que a profissão enfrentou com vigor teórico-metodológico questões centrais que emergiram, sobretudo, na grande mídia, cuja tendência foi despolitizar e naturalizar o contexto pandêmico sem enquadrá-lo na moldura complexa das relações sociais burguesas e de suas consequências para a humanidade. Destaca a importância do debate profissional como ato de resistência e de defesa do patrimônio teórico-cultural crítico da profissão.

Palavras-chave: Pandemia do novo coronavírus; crise do capital; serviço social brasileiro; lives na pandemia.

BY LENSES OF LIVES: the discussion of Service Social brasilian

Abstract

This one article it presents the route and the “discoveries” of the investigation about the debate of social service brazilian at pandemic of the newcoronavirus. It's about on one study quali-quantitative, of analysis of 68 *lives*, performed on period of march to august 2020. Part of the data available on the platform *You Tube*, considering the axes: *social service and world of work and, social service and social security*. The results show that the profession faced with force theorist-methodological questions central that emerged, above all at big media, whose trend he was depoliticize and naturalize the context pandemic without frame it without frame it at frame complex of social relations bourgeois and its consequences for humanity. Stands out the importance of debate professional like act in resistance it's from defense of patrimony cultural-theoretic critical of the profession.

Keywords: new coronavirus pandemic; capital crisis; brazilians social service; lives in the pandemic.

Artigo recebido em: 29/08/2022 Aprovado em: 31/03/2023

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v27n1.2023.26>

¹ Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela PUC-SP. Professora do Departamento de Serviço Social da UFES. Integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho (NET/UFES). Coordenadora do projeto de pesquisa "Relações sociais e processos de trabalho no capitalismo". E-mail: mariaangelinacarvalho@uol.com.br

² Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES e do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Política Social da UFES. Integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho/NET/UFES. E-mail: silviaufes@yahoo.com.br

³ Assistente Social, Mestra em Política Social pelo Programa de Pós Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho (NET/UFES). Assistente Social da Secretaria de Saúde do município de Vila Velha/ES. E-mail: pollyanapazolini@gmail.com

⁴ Assistente Social, Mestre em Política Social pelo Programa de Pós Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho (NET/UFES). Conselheira na Gestão pelo triênio 2020-2023 do Conselho Regional de Serviço Social 17° Região/ES (CRESS-ES). E-mail: nicaciox@gmail.com

⁵ Graduando em Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho (NET/UFES). E-mail: carucosta1@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Identificamos que em tempos de isolamento social provocado pela pandemia do novo coronavírus, as *lives* se tornaram instrumento fundamental para a realização de debate em torno do contexto socioeconômico, político e sanitário que se abre com a pandemia e suas implicações nas políticas sociais, na sociabilidade das classes e nas demandas postas ao Serviço Social.

As *lives* promovidas pelo Serviço Social nos revelam um debate profícuo, expondo a vitalidade intelectual da profissão conquistada nas últimas décadas inscrita no campo teórico-crítico, que reconstruiu análises realizadas sobre a catástrofe social e humanitária que se abre com a pandemia do novo coronavírus, situando-a nas condições macrossociais da dinâmica capitalista. O eixo analítico da profissão revela que a crise sanitária é exacerbada pelas estratégias de enfrentamento da crise do capital, tendo assim uma determinação social.

O pressuposto é de que por meio das *lives*, enquanto ferramenta de contato na pandemia, possibilitou a profissão adensar o debate acadêmico e profissional, elucidando o chão concreto em que se move a profissão, o da luta de classes; reafirmando a questão social enquanto sua base de fundamentação sócio-histórica, sua matéria-prima e; enquanto tal está expressa na lei geral da acumulação capitalista, na acumulação primitiva de capital e nos diversos processos de organização e de luta desenvolvidos pela classe trabalhadora na história. Outro elemento importante é que através das *lives* analisadas pudemos evidenciar a defesa dos direitos humanos, ante “a lógica destrutiva do capital que tem se objetivado, na contemporaneidade, como processo acelerado de desumanização – de barbárie – que atinge a totalidade das relações sociais e a natureza” (BARROCO, 2012, p. 64).

Partindo desses elementos, busca-se revelar as principais temáticas que estruturam o debate realizado por meio das *lives* produzidas pelo Serviço Social, nos meses iniciais da pandemia, compreendendo o período de março a agosto de 2020; circunscrito ao universo do mundo do trabalho, seguridade social, profissão e pandemia. Em termos metodológicos, a investigação esteve orientada por pressupostos teórico-metodológicos de raiz crítico e dialética, a partir da centralidade do trabalho e da questão social enquanto elementos fundantes à análise e, portanto, para compreensão dos processos sociais que se abrem com a pandemia no contexto de aprofundamento da crise estrutural do capital.

A pesquisa toma por fonte de informação apenas as *lives* disponíveis no canal do *YouTube*. Esta escolha se justifica por ser uma plataforma de compartilhamento de vídeos, em que o processo de busca de conteúdos é realizada de forma simples, similar com a busca no *Google*, sendo suficiente digitar a palavra-chave, aqui chamado de descritores, e clicar na lupa para obter os

resultados de busca. Para uma primeira aproximação ao universo da pesquisa utilizamos os seguintes descritores: trabalho; mundo do trabalho; trabalho digital; trabalho remoto; exploração do trabalho; pandemia; coronavírus, Serviço Social; trabalho profissional; atribuições; competências; assistência social; saúde; previdência social e seguridade social -, identificando, nesse primeiro levantamento, 90 *lives*. Foram os descritores Serviço Social e pandemia; assistente social e pandemia; mundo do trabalho e Serviço Social; Serviço Social, seguridade social e pandemia; Serviço Social, assistência social e pandemia; Serviço Social, saúde e pandemia; Serviço Social, previdência e pandemia que determinaram a constituição da base empírica constituída pelo total de 68 *lives*².

A base empírica da pesquisa, para análise, foi organizada da seguinte forma: Serviço Social e mundo do trabalho (33); Serviço Social e seguridade social (35), sendo 12 *lives* na política de assistência social, 21 na política de saúde e 02 na previdência social.

O artigo está estruturado em três seções, a saber: A pandemia do novo coronavírus e o discurso ideológico da crise; O Serviço Social brasileiro: implicações e desafios; O debate do Serviço Social brasileiro na pandemia: pelas lentes das *lives* e, por fim; as considerações finais.

2 A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS E O DISCURSO IDEOLÓGICO DA CRISE

A pandemia do novo coronavírus evidenciou de forma decisiva as contradições do capitalismo e da sociabilidade contemporânea no solo histórico da luta de classes. O que pressupõe que a pandemia e as suas consequências não podem ser compreendidas apenas no arco das explicações biológicas mais nas determinações da produção social capitalista e das suas tendências sempre destrutivas do gênero humano e da natureza.

Mészáros (2006) elucida que o capitalismo é uma das formas históricas de realização do capital, e este enquanto continuar a se reproduzir, o trabalho enquanto objetivação privilegiada do ser social estará destinado a manter o poder do capital sobre si próprio, conservando e alongando as bases materiais para orquestrar incessantemente a produção da riqueza alienada sobre a sociedade. Trata-se de um sistema sem limites à sua expansão, sendo nos termos do autor, um *sistema sociometabólico incontrolável* e essencialmente destrutivo em sua lógica.

É desse pressuposto analítico que partimos da compreensão de que a pandemia do novo coronavírus tem materialidade histórica na vida em sociedade impulsionada pelas práticas predatórias do agronegócio, especialmente pela pecuária intensiva que produz catástrofes ecológicas, epidemias e pandemias, conforme demonstra estudos de Rob Wallece (2020 *apud* RAICHELIS; ARREGUI). As autoras destacam que

O aumento da ocorrência dos vírus estaria, para Wallace (2020), intimamente ligado à produção alimentar e à rentabilidade das empresas transnacionais, numa lógica de desenvolvimento de commodities e de usurpação de terras e recursos naturais, que buscam a maximização de lucros, independentemente dos riscos sanitários e humanos decorrentes desse modo de acumulação de capital (RAICHELIS; ARREGUI, 2021, p. 216).

São processos que se desenvolvem em larga escala para a produção de bens variados de interesse do capital, transformando profundamente a natureza e o cotidiano da vida social, visto que são constituídos de grandes oligopólios para submeter continuamente a atividade humana fundamental, a capacidade de transformar a natureza aos desígnios do capital para além da finalidade imediata de produção de bens necessários à manutenção da vida social. Na forma histórica da produção capitalista ocorre a *transformação dos meios de existência em capital* por meio dos crescentes *processos de expropriação* (Fontes, 2018). Desse modo, não se pode imaginar que sob essas determinações a pandemia do novo coronavírus seja um episódio acidental da natureza, mas expressa a ação predatória do indivíduo burguês na busca incessante pelo lucro enquanto força motriz da produção capitalista.

Harvey (2020, p. 2) destaca que o capital transforma permanentemente as condições ambientais para garantir a finalidade capitalista de acumulação de capital, por isso considera que “não existe um desastre verdadeiramente natural. Os vírus sofrem mutação o tempo todo [...]. Mas as circunstâncias em que uma mutação se torna ameaçadora e fatal dependem das ações humanas”.

Mascaro (2020) corrobora para a análise ao considerar que nem o acaso da natureza nem má sorte geraram a pandemia do novo coronavírus; trata-se da crise de um sistema social já em vigor e que não deixa dúvidas sobre as suas contradições iminentes.

Trata-se de uma crise eminentemente social e histórica. A reiterada fragilidade da relação humana com a natureza corresponde a uma parcela pequena dos problemas presentes. No fundamental, a dinâmica da crise evidenciada pela pandemia é do modelo de relação social, baseado na apreensão dos meios de produção pelas mãos de alguns e pela exclusão automática da maioria dos seres humanos das condições de sustentar materialmente sua existência, sustento que as classes desprovidas de capital são coagidas a obter mediante estratégias de venda de sua força de trabalho. O modo de produção capitalista é crise (Mascaro, 2020, p. 7).

Com efeito, cabe destacar que as crises são constitutivas de contradições inerentes ao capitalismo e se manifestam a cada ciclo econômico de desenvolvimento capitalista, sendo a expressão da interrupção do processo de reprodução ampliada do capital. Sobre esse elemento central à nossa análise Marx (2017) destaca que:

Num sistema de produção em toda a rede de conexões do processo de reprodução se baseia no crédito, quando este cessa de repente e só se admitem pagamento à vista, tem de se produzir evidentemente uma crise, uma demanda violenta de meios de pagamento. À primeira vista, a crise se apresenta como um sistema crise de crédito e crise monetária. [...] Esse sistema artificial inteiro de expansão forçada do processo de reprodução não pode

naturalmente ser remediado [...]. Além disso, aqui tudo aparece distorcido, pois nesse mundo de papel jamais se manifestam o preço real e seus fatores reais; o que se vê são apenas barras, dinheiro metálico, cédulas bancárias, letras de câmbio e títulos (MARX, 2017, p. 547).

Essa importante colocação de Marx nos permite descortinar a crise capitalista em curso, acentuada em 2008 com graves consequências para o trabalho, os direitos e para lutas sociais –, que se complexificou com a deflagração da pandemia do novo coronavírus uma vez que trouxe *sofrimentos inauditos* (Urbano, 2021) em escala planetária, ou seja, “superiores aos habituais, porque aguçou todas as misérias e iniquidades do sistema irracional em que vivemos” (Id. 266). Exacerbou, se não bastasse, os altos índices de mortalidade como também as contradições de classe, raça, gênero e etnia; desnudando o capital e o conjunto de suas respostas centradas nas políticas neoliberais em plena expansão do capital fictício. As medidas neoliberais acentuaram as opressões e a exploração da classe trabalhadora.

É na esteira da crise de 2008 e de suas consequências devastadoras que a pandemia do novo coronavírus emerge no cenário contemporâneo, como uma catástrofe para a humanidade e é tomada de forma ideológica para legitimar o projeto de classe das classes dominantes. Portanto, para naturalizar a crise estrutural do capital e aprofundar as medidas necessárias para conter a crescente desvalorização do capital e ao mesmo tempo administrar as consequências da pandemia sem mexer nas taxas médias de lucro.

A ideologia para Lukács (2018) é um complexo social que tem a função social de lidar com os conflitos de classes gerados na totalidade social e, assim, influenciar nas decisões dos indivíduos e nos projetos de sociedade em disputas. O autor considera que as ideologias fornecem as balizas para “uma formulação ideal sobre a realidade” e como complexo social só, torna-se uma ideologia, “somente após se tornar veículo teórico ou prático para dirimir conflitos sociais, sejam eles grandes ou pequenos, fatais ou episódicos” (Id. p. 400), sendo um “meio de lutas sociais, que caracteriza toda a sociedade” (Id. 399).

No caso da pandemia do novo coronavírus tornou-se usual, sobretudo na mídia em geral e até em alguns segmentos da academia, a rápida disseminação de que a humanidade estava enfrentando uma crise provocada pela pandemia do novo coronavírus, desconectada das relações de produção e reprodução do capital. Com isso, usualmente, os defensores dessa propagação viabilizaram formas de mistificar ainda mais os processos já em curso como a recessão generalizada, o desemprego, a violência das mais diversas naturezas, a precarização das condições de vida e de trabalho, a destruição dos direitos humanos fundamentais, dentre outros efeitos deletérios que o capital tem submetido a humanidade.

Sobre esse aspecto Mota (2021) realiza a seguinte afirmação:

Embora o discurso dominante impute à pandemia da Covid-19 a principal causa da crise econômica e social que afeta os países centrais e periféricos, o fato é que a pandemia do coronavírus não responde pelas contradições do mundo capitalista. Ao contrário, a crise sanitária é potenciada pelas estratégias de enfrentamento da crise do capital, levadas a efeito pela burguesia, para reverter a queda da taxa de lucro por meio de iniciativas que redefinem a divisão internacional do trabalho e instituem renovadas formas de exploração do trabalho. É mediada pela financeirização do capital e pela ação predatória dos recursos naturais, favorecendo os desastres ambientais e o aparecimento de novas doenças, o que afiança a existência de uma determinação social da pandemia do novo coronavírus (MOTA, 2021, p. 51).

Como sabemos, antes da pandemia a crise capitalista já impunha a sua lógica destrutiva com medidas fascistas, racistas, xenofóbicas que aprofundavam a barbárie. No Brasil, esse processo não foi diferente, operando transformações profundas na sociedade, especialmente a partir de 2016, com o impeachment de Dilma Rousseff para realizar o *ajuste fiscal permanente* (Behring, 2021). Tal processo tem como direção garantir a reprodução ampliada do capital sem abrir concessão à garantia dos direitos humanos, cujo desdobramento para a autora, foi de colocar o Brasil na rota do ultraneoliberalismo associado ao neofascismo que desembocará na eleição do governo genocida de Jair Bolsonaro.

O conjunto dessas transformações em curso a partir de 2016 é produto da crise capitalista deflagrada em 2008, que nos termos de Antunes (2020), devastou o trabalho e as medidas protetivas até então conquistadas. A resposta das classes dominantes brasileiras foi a aprovação da emenda constitucional nº 95/2016, da contrarreforma trabalhista e previdenciária e a implantação de um regime fiscal que daria passe livre ao capital financeiro por meio da dívida pública. Nesse bojo foi usual a falácia de uma crise do Estado que deveria ser reformulado, enxugado para conter os gastos públicos (lê-se na garantia de acesso à saúde, à assistência social, à educação, à previdência, etc). Muito antes da pandemia a dívida pública já se mostrava pulsante e o Estado podado na garantia aos direitos fundamentais da classe trabalhadora, dado o domínio do capital financeiro sobre o fundo público.

É nesse cenário que a pandemia do novo coronavírus é tomada de forma ideológica – interferindo nas lutas sociais para acentuar e legitimar os processos destrutivos já em curso no Brasil, sendo este, historicamente, de capitalismo dependente e brutalmente desigual. A pandemia que atropela e ceifa milhares de vidas não é produto do acaso, se acasala nas contradições imanentes do capitalismo em plena expansão da barbárie humana. É nesse universo que o Serviço Social brasileiro se posicionou na história concreta da luta de classes, buscando desmistificar a realidade social e somar com a luta dos trabalhadores/as em defesa da vida, dos direitos humanos e na direção da emancipação humana.

3 O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: implicações e desafios

O Serviço Social brasileiro nos últimos quarenta anos promoveu, no solo histórico da luta de classes, a ruptura no plano histórico-filosófico e ético-político com antigas ontologias de base metafísica e idealista, que como destaca Lukács (2018a, p. 8), “[...] partem – fundadas em pontos de partida muito diferentes e ligadas a métodos e resultados bastantes distintos – essencialmente do indivíduo isolado, posto em si mesmo”. Esse postulado de um indivíduo isolado conduziu a profissão a uma concepção essencialista do ser social, cujo fundamento foi conceber “a existência de uma essência humana transcendente à história, doadora de valores a todos os seres humanos” (BARROCO, 2012, p. 44), tomando a história dos homens como produto de uma força superior, além do mundo material, isolado das contradições que edificam a vida social, ocultando as capacidades humano-genéricas que possibilitam se mostrar como criador e transformador da sua própria história.

Não resta dúvida que no circuito internacional, o Serviço Social brasileiro apresenta características particulares na sua trajetória acadêmica e profissional, objetivadas na sua organização político-profissional e estudantil por meio das suas entidades representativas (CFESS-CRESS, ABEPSS e ENESSO), na presença de preceitos normativos para a realização do trabalho profissional, além de possuir diretrizes políticas, ética e técnica que imprimem à profissão uma direção social estratégica de cunho essencialmente ético-político e profissional, prescrito no Código de Ética de 1993, na Lei de Regulamentação da Profissão nº 8662/93, e nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996. O que expressa o amadurecimento teórico-político da categoria profissional na história das lutas e disputas de classes, que reafirma o compromisso profissional com a democracia, a liberdade, a justiça social na perspectiva da emancipação humana. São valores objetivos de caráter humano-genérico, portanto, que residem na história da humanidade como produto e ação do ser social, por conseguinte, como produto da práxis que deve ser perseguido na dinâmica contraditória da sociedade burguesa. Uma tarefa que não pode ser trilhada de forma individual e, sim na esfera da luta coletiva, pela presença de muitos sujeitos e atores sociais.

Assim, a profissão de Serviço Social no atual contexto que se abre de crise estrutural do capital e de pandemia reafirma, como elucida Iamamoto (2021, p 18), “a radical aposta humana na construção da história nos moldes da ‘grande política’, construindo no cotidiano profissional formas de resistências coletivas de enfrentamento à barbárie que avança diariamente, expondo o neoconservadorismo com características neofascistas e de cunho irracionalista (BARROCO, 2022), entranhado na vida social brasileira nos movimentos da extrema direita³.

São processos que revelam o poder da ideologia das classes dominantes para obscurecer o tempo presente e devastar as conquistas do gênero humano sob a hegemonia do mundo das

finanças, cuja lógica como destaca lamamoto (2021, p. 19) é

[...] provocar crises que se projetam no mundo, gerando recessão [...]. O caráter volátil do crescimento redundando em maior concentração de renda e aumento da pobreza. Ampliam-se as desigualdades distribuídas territorialmente, as distâncias entre as rendas de trabalho e do capital e entre os rendimentos dos trabalhadores qualificados e não qualificados.

Corroborando a análise Yazbek (2021, p. 24) ao afirmar que:

Vivemos nesse contexto, como aponta Antunes (2021), formas profundamente predatórias do capitalismo, com trabalhadores desprotegidos, desprovidos de direitos e em condições de tal exploração que esse tempo “[...] se assemelha ao capitalismo da acumulação primitiva” [...]. Condição que se aprofundou na pandemia, mas se relaciona a um conjunto de medidas anteriores que vêm caracterizando o avanço do projeto capitalista ultraneoliberal. Sem dúvida, um contexto que, agravado pela condição da pandemia do COVID 19, vem colocando em evidência questões relativas à própria sobrevivência da Humanidade.

Assim, são tempos de transformações estruturais e conjunturais do capitalismo que afetam o conjunto da vida social inevitavelmente. São processos que revelam a importância da compreensão da questão social no legado teórico-crítico que a profissão construiu e vem construindo ao longo das últimas décadas, tendo na questão social a matéria fulcral para elucidar o Serviço Social brasileiro no tempo presente e, sobretudo, para elucidar o cotidiano profissional em seus processos contraditórios, bem como expor a relação orgânica sociedade e a profissão no tempo presente.

lamamoto (2021), ao discutir as perspectivas do trabalho cotidiano de assistentes sociais nesses tempos de crise e pandemia, elucidando que:

Assistentes sociais conhecem de perto, no seu cotidiano de trabalho, as necessidades da população, seus interesses sociais e o território onde vivem. Este conhecimento dispõe de elevado potencial político, que necessita ser mais explorado pelo conjunto da categoria e pelas instâncias de fiscalização profissional, no sentido de atribuir visibilidade às condições de vida de segmentos da população trabalhadora e à importância do trabalho silencioso de assistentes sociais, contribuindo para que possam ter acesso aos seus direitos e aos meios de exercê-los. Uma das características distintivas mais fecundas da profissão de Serviço Social é seu mergulho na história do Brasil das maiorias, amplamente silenciadas e desconhecidas pelas classes e elites burguesas e por veículos de comunicação. Trabalhadores/as urbanos/as e rurais empobrecidos/as, camponeses/as e indígenas, quilombolas, imigrantes são invisibilizados na grande mídia, ainda que sejam indissociáveis do Retrato do Brasil contemporâneo. Importa divulgar como a crise está sendo vivida pelos sujeitos sociais, a partir de informações de pesquisas científicas produzidas e de situações identificadas no trabalho da/o assistente social, reforçando sua visibilidade e importância nessa pandemia (IAMAMOTO, 2021, p. 32).

Não resta dúvida que a pandemia do novo coronavírus fere a profissão, impondo-lhe novos e velhos desafios. Foi nesse cenário histórico-social e nas determinações da cena contemporânea que a profissão exerceu o autêntico confronto de ideias e de disputas entre elas na perspectiva de fortalecimento do projeto ético-político.

Mota (2021) destaca que a crise sanitária e social atinge a profissão em dois planos principais:

[...] no das demandas cotidianas, cujo volume e natureza das situações demandadas estão diretamente relacionadas à desproteção social pública, às violências e aos carecimentos no atendimento das necessidades sociais básicas dos trabalhadores e suas famílias, agravadas pela pandemia; e no do exercício profissional que envolve condições, relações de trabalho e singularidades das atividades profissionais (MOTA, 2021, p. 57).

São processos que possuem determinações macrossociais que não podem ser compreendidos sem o conjunto de transformações em curso muito antes da deflagração da pandemia do novo coronavírus, e que está se aprofundando, conforme os vários relatos de experiências, constantes em lives com profissionais e estudos realizadas na área do Serviço Social. A profissão já sofria duramente as transformações do mundo do trabalho, a reestruturação das instituições públicas de prestação de serviços sociais essenciais, mudanças na rotina institucional com a crescente burocratização do trabalho, mas é fato que a pandemia escancara esse processo na realidade brasileira, e em todos os países capitalistas.

Sabe-se que os/as assistentes sociais presenciavam os processos de terceirização, flexibilização e precarização do trabalho, o que interfere no conteúdo do trabalho realizado, impondo-lhe uma profunda degradação nas condições de vida e trabalho e que, não sendo exclusivo da profissão, mas uma determinação que atinge o conjunto da classe trabalhadora, não poupava nenhum espaço ocupacional tensionando profundamente a relativa autonomia técnico-política da profissão.

Via de regra já estavam em curso as novas modalidades de contratação da força de trabalho, como a subcontratação, contratos temporários, recrutamento por pregões eletrônicos e etc. Assim, como as modalidades de realização do trabalho profissional como o teletrabalho, o atendimento remoto ou *home office*; tudo associado a baixíssimos salários e a exigência de maior produtividade por meio da gestão de metas. Processos que já expunha nos termos de Raichelis (2020) uma nova morfologia do trabalho no Serviço Social.

Tal dinâmica se mostra no cotidiano profissional de forma contraditória, visto que “vai se expressar no aumento da produtividade do trabalho do/a assistente social, no crescimento de demandas de trabalho burocrático, pragmático, voltado para respostas imediatas. Na atuação rotineira da/o assistente social, em detrimento do trabalho técnico criativo” (Iamamoto, 2021, p. 35). Essa dinâmica contraditória também possibilita luta, resistências e contratendências para o enfrentamento ao “revigoramento da reação (neo)conservadora que aberta e/ou disfarçada em aparências que a dissimulam, apoiada na negação da sociedade de classes” (Id., 26). É diante desse cenário que a profissão busca fortalecer a orientação histórico-crítica do Serviço Social brasileiro.

4 O DEBATE DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO NA PANDEMIA: pelas lentes das *lives*

As *lives* transformaram-se em uma das ferramentas mais comuns na era das tecnologias digitais, tendo o seu modelo espelhado nas transmissões ao vivo, tradicionalmente praticadas pela televisão. Trata-se de uma ferramenta que possibilita a comunicação entre os sujeitos e, portanto, o exercício da comunicação por meio da linguagem, sendo esta, uma potencialidade das capacidades humanas desenvolvidas pelo trabalho.

Podemos dizer que o mundo ainda estava presenciando a implantação das primeiras medidas de distanciamento e isolamento social ante o avanço do novo coronavírus, na chamada quarentena. E é neste cenário que as *lives*, essa forma de comunicação, se realizam com maior frequência⁴.

No caso do Serviço Social é possível indicarmos que essas primeiras formas de comunicação surgem no mês de março de 2020, cujos primeiros temas versaram sobre o Serviço Social, coronavírus e vulnerabilidade social. Os debates ganham intensidade, alargando o leque de temáticas a partir do mês de maio, período que tradicionalmente a profissão realiza lutas e formação em comemoração ao dia da(o) assistente social, por meio das suas entidades representativas e unidades de formação em Serviço Social.

Quanto aos realizadores/organizadores das *lives* 35%, ou seja 24, das 68 *lives* mapeadas nesta pesquisa, foram promovidas pelas unidades de formação em Serviço Social e, outras 35% pelas entidades representativas da categoria (Abepss, Cfess e Cfess); marcando presença empresas privadas de consultoria que atuam na área de cursos preparatórios para concursos com 12% e; 10% realizadas por editoras da área de Serviço Social e; 8% vinculadas a fórum de debates, movimentos sociais, sindicatos.

No âmbito da Previdência Social e trabalho profissional apenas 02 *lives* foram identificadas, ambas realizadas no mês de junho e trazem como preocupação discutir o contexto da pandemia, o mundo do trabalho, os ataques à previdência social e o Serviço Social no INSS. Numa das *lives* compareceu também a preocupação em discutir o teletrabalho e suas implicações na instrumentalidade do exercício profissional, agravada pelo contexto da pandemia, conforme sugerem os títulos: “Pandemia, previdência social e Serviço Social do INSS: situação atual e tendências”; e “Serviço Social do INSS em tempos de pandemia: teletrabalho e suas implicações na instrumentalidade”.

Nos chamou atenção o papel do canal no *Youtube* do coletivo Conexão Serviço Social do INSS, ferramenta criada anteriormente ao contexto da pandemia, mas que ganha nova dimensão e importância para os(as) assistentes sociais desse espaço de trabalho especialmente, visando traçar

uma interlocução com a categoria. As duas *lives* têm a articulação e organização pela Comissão Nacional de Assistentes Sociais da FENASPS (CONASF), e em parceria com a Federação Nacional dos Servidores Públicos Federais da Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social (FENASPS).

Na área da saúde e trabalho profissional foi possível identificar que as *lives* consistiram em diálogos, debates e/ou exposição da prática profissional de Assistentes Sociais dos mais diversos equipamentos de saúde de diversos níveis de atenção, tais como: primário (Unidades Básicas de Saúde), secundário (Unidades de Pronto-Atendimento) e terciário (Hospitais gerais, especializados e de Campanha para atendimento ao COVID-19). Destacam-se, em sua maioria, a socialização do trabalho das assistentes sociais nos níveis de atenção secundário e terciário, campo de trabalho mais afetado com as demandas decorrentes da pandemia.

Na área da saúde e trabalho profissional foram realizadas 21 *lives* que focam o Serviço Social e o trabalho profissional em tempos de pandemia. Com ênfase em campos de atuação e temas delimitados da saúde foram 12 *lives*, abordando: saúde da mulher (1); atuação junto à equipe de cuidados paliativos (1); intersectorialidade e seguridade social (1); saúde e determinação social em tempos de pandemia (1); hospitais de campanha (2); hospital pediátrico (1); residência profissional (1); atenção primária (1); saúde mental (2); interiorização da Covid-19 e impacto na política de saúde (1). Dessas 21 *lives* analisadas, 10 foram realizadas pelos CRESS, 06 por cursos de Serviço Social de faculdades ou Universidades e 05 por canais que fornecem materiais para concursos na área do Serviço Social. Em relação ao conteúdo foi possível agrupá-los em 4 grandes temas: 1) Processo de trabalho do Serviço Social: readaptação do trabalho em tempos de pandemia; construção de novos fluxos e instrumentos de trabalho devido ao Covid 19 (telemonitoramento); planejamento em Serviço Social como ferramenta para ação propositiva e assertiva; a potência do trabalho interdisciplinar quando comprometido com o usuário da política de saúde. 2) Atribuições e competências profissionais: velhos e novos dilemas: requisições indevidas; principais demandas para o Serviço Social; 3) Condições do trabalho: adoecimento mental; sobrecarga de trabalho; falta de testes de Covid-19, EPI'S adequados; ausência de condições éticas e técnicas de trabalho (salas reduzidas e sem ventilação); intensificação do uso de novas tecnologias ou em alguns casos a falta de recursos tecnológicos (computadores, linhas telefônicas, aparelho para videochamadas, etc); vínculos trabalhistas precários (temporários); 4) Dimensão normativa e técnico-operativa: a importância da legislação da política de saúde, lei de regulamentação da profissão, Código de Ética e as legislações do conjunto CFESS/CRESS na pandemia para orientação do trabalho cotidiano.

Conforme sinalizado por Matos (2020), a pandemia impôs reestruturações aos serviços de saúde, emergindo a necessidade de refletir sobre as contribuições do Serviço Social frente a essas transformações. Além disso, o autor aponta para o fato de que os(as) trabalhadores(as) da saúde se

mantiveram na linha de frente desde o início da pandemia, fato que pode explicar que, no âmbito da seguridade social, a produção de *lives* sobre trabalho na saúde tenha maior número.

Destacam-se o contexto hospitalar e a saúde mental como temas de maior recorrência nas *lives*, apontando, de um lado, a necessidade de reflexões imediatas acerca da reorganização da rotina destes serviços, diante do aumento de atendimento emergencial de uma doença, até então desconhecida pelos profissionais de saúde. E, de outro, os impactos sobre a saúde mental da equipe profissional e, também da população em geral, visto o aumento de mortes pelo novo coronavírus com incidência na vida de diversas famílias e indivíduos, que, somado ao impacto da crise econômica tem agravado o adoecimento mental. Diante disso, o Serviço Social é convocado a refletir e construir estratégias no âmbito do trabalho coletivo em saúde e demarcar seu campo de intervenção e sua contribuição. Entre os vários desafios que permeiam a profissão torna-se crucial reafirmar o compromisso ético-político com a direção social do trabalho realizado, sem cair em velhas armadilhas do Serviço Social no âmbito da saúde.

Na assistência social e trabalho profissional foram realizadas 12 *lives*, com temas variados que dizem respeito à ação cotidiana do(a) assistente social nessa área como: população em situação de rua (2); fome e segurança alimentar (1); ressocialização de adolescentes em medida socioeducativa (1); calamidade pública (1); idoso e família (1); proteção social básica (1); assistência social e solidariedade (1) e, também aquelas com temas mais genéricos como: trabalho da(o) assistente social na assistência social (1); a assistência social e os desafios ao Serviço Social (3). Observa-se que todas as *lives* têm uma preocupação com o cotidiano do exercício profissional, mais precisamente com as demandas e as requisições, revelando velhos gargalos que se amplificam com a pandemia do novo coronavírus, dado o aprofundamento das contradições próprias do capitalismo. Os dados, na nossa avaliação, são reveladores de que a profissão efetivou o movimento de mostrar essas contradições tocando em temas sensíveis, no âmbito da proteção social básica e especial, que atravessam o cotidiano da ação profissional na assistência social. Outro elemento que chama atenção, a partir dos títulos, é a forma como a profissão expõe a sua peleja junto aos segmentos sociais mais pauperizados da classe trabalhadora, que já estavam antes da pandemia expostos a situações de violação de direitos, conforme sugere as *lives* sobre o trabalho profissional com a população em situação de rua.

Por outro lado, também revelam a generalidade dos temas quando, por exemplo, versam sobre o cotidiano, os desafios profissionais na assistência social em tempos de pandemia. Chama atenção, a ausência de *lives* que discuta o auxílio emergencial na relação com política de assistência social, visto que se trata de uma temática que atravessa o exercício do trabalho profissional. O que pode ser explicado pela forma como o governo federal o concebe, no formato da ação incerta, episódica e eventual; do chamado "*toma lá dá cá*", traço persistente na trajetória das políticas sociais

brasileiras. O que não justifica a ausência do debate, nos meses iniciais da pandemia, no campo do Serviço Social, considerando sua transversalidade e importância no campo das políticas sociais de seguridade social, e nas demais políticas setoriais, uma vez que se constitui como um direito social fulcral na conjuntura que se abre com a pandemia.

Ao identificarmos as *lives* no campo da seguridade social sobre o trabalho profissional, outro movimento foi realizado, como parte da análise, cujo foco foi o mundo do trabalho e mercado de trabalho de assistentes sociais, condições e relações de trabalho. Identificamos 33 *lives*, sendo que dessas, 16 foram realizadas no mês de maio. Os títulos indicam que a maioria versa sobre o trabalho profissional, demandas, requisições e resistências (22); crise do capital e trabalho profissional (05); mercado de trabalho, direitos dos(as) assistentes sociais, relações de trabalho, trabalho remoto, condições éticas e técnicas (03); neoliberalismo, novos paradigmas nas políticas sociais, coronavírus e vulnerabilidade, Serviço Social crítico (03).

O desenho das *lives* a partir dos títulos apontam para uma preocupação e ritualização das discussões com a finalidade de compreender inicialmente a pandemia e o leque de questões que se colocavam para a reprodução da profissão no mercado de trabalho. Especialmente, porque de um lado o empregador colocava os profissionais na linha de frente de atendimentos, como é o caso dos profissionais da área da saúde, na grande parte das vezes sem os devidos equipamentos de proteção contra o vírus. De outro, reconfigurava o processamento do trabalho, por meio da atividade remota, como o foi o caso dos profissionais da assistência social e da previdência. Em todas as situações as medidas impostas pelo empregador trouxeram implicações para a realização do trabalho profissional.

Nessa direção, observou-se que as temáticas privilegiadas foram organizadas a partir de grandes temas tais como: “O trabalho dos/as Assistentes Sociais e os desafios no contexto pandêmico”; “As demandas dos/as trabalhadores/as Assistentes Sociais em tempos de pandemia”, dentre outros títulos. O que sugere a indicação que nesse primeiro momento, a busca da profissão é pela compreensão dos protocolos institucionais de atendimento e funcionamento, bem como as novas exigências socioinstitucionais e políticas. Por outro lado, registra-se o esforço de um debate da pandemia nas determinações da crise capitalista e de suas repercussões no Serviço Social, refletindo sobre as novas e velhas questões que marcam a profissão na divisão do trabalho. O que ocorre, certamente, sob a lente do projeto ético-político, como é o caso da *live* intitulada “Crise do capital, pandemia e Serviço Social brasileiro” organizada pela Abepss.

A pesquisa possibilitou observar que nesse eixo, “crise do capital e trabalho profissional”, comparecem apenas 05 *lives*, apesar do esforço dessa discussão, mas reduzido se considerarmos a sua importância no seio profissional. O mesmo pode se dizer sobre o tema das condições e relações de trabalho das(os) assistentes sociais no mercado de trabalho, apenas 03 *lives*, considerando o grau

de precarização e intensificação do trabalho, reproduzido em todos os espaços ocupacionais, tendo em vista ser a tendência imperativa no mundo do trabalho, na atualidade do capitalismo neoliberal. Outro aspecto importante é que, ainda que reduzido em termos quantitativos, as *lives* mapeadas expõem a potencialidade do debate conforme constam nos títulos: “Os direitos dos assistentes sociais na pandemia e os serviços prestados à população”; “Condições éticas/técnicas do exercício profissional dos/as assistentes sociais em tempo da pandemia”; “O impacto nas relações de trabalho dos/as Assistente Social em tempos de pandemia”. Certamente um debate que ainda precisamos avançar coletivamente ante o aprofundamento das péssimas condições de vida e de trabalho e que tem exigido de nós resistência, como sugere algumas das *lives*, como “Resistir é preciso! O Serviço Social em tempo de Pandemia”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar nossa reflexão, é importante destacar os principais elementos e conteúdos que compareceram no debate profissional, sendo possível destacar: o empobrecimento crescente da classe trabalhadora, marcada por um desemprego em massa; a elevação do número de indivíduos sociais em situação de rua que passou a demandar das instituições mais equipes para a abordagem social e vagas de acolhimento institucional; dificuldades de acesso das famílias ao conjunto dos serviços sociais, considerando a lógica do trabalho remoto implantado nas instituições; dificuldades de acesso das famílias mais empobrecidas no acesso a itens de higienização para a prevenção contra o coronavírus, considerando a ausência de saneamento básico em muitos locais periféricos; a impossibilidade das famílias pobres de realizar o isolamento social; aumento no número de casos de violência doméstica na quarentena; maior número de mortes em regiões mais pobres.

Quanto às implicações da pandemia no trabalho profissional está o trabalho remoto e suas consequências como a sobrecarga, a perda de benefícios como auxílio-transporte, auxílio-alimentação, adicional insalubridade e periculosidade; exigência por maior produtividade através da gestão por metas, uma das formas de controle e gerenciamento do trabalho; intensificação das demandas de trabalho para o profissional que está atuando por meio de plataformas online. Sobre o trabalho remoto é clara a denúncia do serviço social quanto ao que se denomina pelos palestrantes de robotização do atendimento, ou seja, o atendimento cada vez mais mediado por tecnologias de comunicação e informação via plataformas digitais.

Ainda sobre as condições e relações de trabalho, sobressaem, além da colocação no debate profissional sobre a falta de EPI, espaços de trabalho inadequados -, assim como a falta de equipamentos de comunicação como telefone e computadores com acesso à internet nas instituições,

especialmente nas unidades de CRAS, as *lives* destacam o desmonte das políticas públicas, seu desfinanciamento e o agravamento da precarização dos serviços públicos e das condições de trabalho a que são submetidos os técnicos.

Observa-se uma preocupação dos profissionais com o trabalho remoto e a sua generalização não apenas nesses tempos da pandemia, mais pós-pandemia, conforme vêm apontando os estudos de Antunes (2020a).

Como reflexo das condições e relações de trabalho destacam-se o adoecimento físico e mental dos profissionais, falta de condições materiais e técnicas de segurança para realização do trabalho na linha de frente, especialmente marcada pela ausência de equipamentos de proteção adequados a realização do trabalho, considerando os desafios que a pandemia impôs. Outro ponto como parte desse processo é a sobrecarga na vida das mulheres assistentes sociais, que relatam a conciliação entre trabalho, tarefas domésticas e cuidados com os filhos (estes que estão afastados de suas escolas por conta da pandemia), tendo em vista uma profissão majoritariamente feminina.

Em que pesem essas contradições, prevalece no horizonte do debate profissional do Serviço Social brasileiro o “enfrentamento conservador da questão social” (Santos, 2019) e a defesa do projeto ético-político. Isso se mostra de forma clara nas *lives* quando se destaca a importância do conhecimento profissional sobre as atribuições e competências, o compromisso com as lutas sociais, a defesa da seguridade social pública, a importância do desenvolvimento de ações como as de socialização de informações junto à população usuária dos serviços, o compromisso ético-político com a denúncia de violações dos direitos humanos, a importância do conjunto CFESS/CRESS nas orientações técnicas e políticas; além de destacar a importância do debate teórico-crítico realizado pelas universidades brasileiras em tempos de pandemia.

Como sabemos, o pensamento conservador da questão social historicamente ronda o Serviço Social dada pela natureza própria das contradições da sociabilidade burguesa e de seu projeto de classe. O fato é que em palestras com temas genéricos como “A/o Assistente Social no contexto de pandemia”; “Os reflexos da pandemia no exercício profissional de assistentes sociais” são postos de forma nítida a importância da profissão ter clareza dos projetos em disputas e a importância da leitura dos processos sociais em curso, o que revela a forma como a profissão está atenta às transformações em curso. Uma profissão que se encontra em ebulição e está sendo provocada pela realidade concreta em tempos de agudização da crise estrutural do capital. Trata-se de uma profissão que está sendo tensionada a realizar o seu trabalho na linha de frente de serviços sociais essenciais à classe trabalhadora, além da necessidade de adensar a produção de conhecimentos sobre a questão social nas particularidades do capitalismo brasileiro, da política social e do trabalho profissional, novas mediações para compreender e intervir no tempo presente.

Esses elementos demonstram a importância do patrimônio teórico-cultural que a profissão construiu nos últimos quarenta anos, revelando o claro enfrentamento às investidas conservadoras e neoconservadoras que tendem a naturalizar as desigualdades e legitimar o crescente desmonte do Estado brasileiro, com destaque para as contrarreformas da previdência, trabalhista e a EC/ 95 e seus efeitos deletérios. O que não significa dizer que a profissão se encontra imune às investidas conservadoras, mas indica reservas teórico-práticas importantes de resistências e enfrentamento às investidas neoconservadoras de cunho fascista.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020a.
- BARROCO, Maria Lúcia. **O Código de Ética do/a Assistente Social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARROCO, Maria Lúcia. Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 143, 2022.
- BEHRING, Elaine. **Fundo público, valor e política social**. São Paulo: Cortez, 2021.
- FONTES, Virgínia. A transformação dos meios de existência em capital: expropriações, mercado e propriedade. In: BOSCHETTI, Ivanete (org.) **Expropriação e direitos no capitalismo**. São Paulo: Cortez, 2018.
- IASI, Mauro. Cinco teses sobre a formação social brasileira. **Revista Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 136, 2019.
- IAMAMOTO, Marilda. Os desafios da profissão de Serviço Social no atual contexto de retrocessos das conquistas da classe trabalhadora. CONSELHO DE FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Diálogos do cotidiano - assistente social**. Reflexões sobre o cotidiano profissional. Vol. 1. Brasília (DF), 2021.
- LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social**. v. 14. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.
- LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social**. v. 13. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.
- MASCARO, Alysson Leandro. **Crise e pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 3. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MOTA, Ana Elizabete. Crise sanitária, políticas públicas e sociabilidade: desafios ao Serviço Social brasileiro. CONSELHO DE FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Diálogos do cotidiano - assistente**

social. Reflexões sobre o cotidiano profissional. v. 1. Brasília (DF), 2021.

RAICHELIS, Raquel; ARREGUI, Carola. O trabalho no fio da navalha: nova morfologia do Serviço Social em tempos de devastação e pandemia. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 140, 2021.

RAICHELIS, Raquel. As atribuições e competências profissionais à luz da “nova” morfologia do trabalho. CONSELHO DE FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL **Atribuições privativas do/a assistente social em questão**. v. 2. Brasília (DF), 2020.

SANTOS, Josiane Soares. O enfrentamento conservador da “questão social” e desafios para o Serviço Social no Brasil. **Revista Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 136., 2019.

URBANO, Edison. Posfácio. In: TONELO, Iuri. **No entanto, ela se move**: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo. São Paulo: Boitempo 2021.

YAZBEK, Maria Carmelita. Expressões da questão social brasileira em tempos de devastação do trabalho. **Revista Temporalis**, Brasília (DF), ano 21, n. 42, p. 16-30, jul./dez. 2021.

Notas

¹ A presente pesquisa integra o projeto investigativo “Relações sociais e processos de trabalho no capitalismo contemporâneo”, coordenado pelo Núcleo de Estudos do Trabalho (NET) do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² A relação das lives estão disponíveis no drive de acesso público, organizado pelos/as pesquisadores/as em: <https://bit.ly/3KcOdsQ>

³ Cabe destacar que o “neoconservadorismo consiste na junção entre os valores do conservadorismo moderno e os princípios do neoliberalismo. Do conservadorismo clássico, preservam-se a tradição, a experiência, o preconceito, a ordem, a hierarquia, a autoridade, valorizando-se as instituições tradicionais, como a igreja e a família patriarcal [...]. Propostas neofascistas encontram ressonância num tempo em que o emprego é escasso e a competição toma o lugar da solidariedade; em que a barbárie dissemina o ódio e a desumanização; em que a brutalidade passa a ser virtude política e o irracionalismo apela aos piores instintos e às reservas de animalidade que brotam no indivíduo, na sociedade capitalista [...]. A extrema-direita mundial está unida em torno de algumas premissas: o nacionalismo e o patriotismo; o resgate de tradições; o anticomunismo e o antissemitismo; o racismo e a xenofobia contra imigrantes e minorias. A vida cotidiana é marcada por uma sociabilidade cindida entre ‘nós e eles’, com a exaltação da família patriarcal e de seus valores, como a autoridade do pai; com a defesa da lei e da ordem; o anti-intelectualismo; a desarticulação do bem-estar público; a exclusão de grupos sociais minoritários e sua desumanização e/ou extermínio” (Barroco, 2021, p. 13-14).

⁴ Cabe destacar que as primeiras *lives* e com grandes repercussões no Serviço Social são aquelas realizadas no campo da sociologia do trabalho, com destaque para os debates proferidos por estudiosos do mundo do trabalho. A título ilustrativo, o professor Ricardo Antunes, renomado pesquisador da área, realizou nos meses iniciais da pandemia aproximadamente 18 *lives*. Naquela ocasião, nos parecia que a mensagem era clara, se quisermos entender estes tempos de crise e de pandemia e, portanto, a profissão nesse processo, precisamos olhar para o que se passa no mundo do trabalho, as tendências de precarização e intensificação do trabalho. Foi nesse rastro que nasceram as primeiras motivações para o desenvolvimento desta pesquisa, que ainda está em curso.